

Lapso temporal pandêmico: uma interseção analítica entre a propagação global do SARS-CoV-2 e os prismas da saúde pública e ciências sociais no Brasil

Marcos Nunes Sampaio Júnior

Universidade Católica do Salvador. Faculdade de Direito.
Salvador, Bahia, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1647-3924>
samppaiomarcs@gmail.com

Adriana Tedgue Ribeiro

Universidade Católica do Salvador. Faculdade de Direito.
Salvador, Bahia, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7306-1993>
dri_tedgue@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3955645>
Recebido / Recibido / Received: 2020-05-31
Aceitado / Aceptado / Accepted: 2020-06-26

Resumo

O presente artigo possui como objetivo a discussão tanto empírica quanto científica acerca da proliferação do SARS-CoV-2 compreendendo desde o seu íterim aos desdobramentos dos últimos meses desde que o vírus ultrapassou as fronteiras territoriais chinesas tornando-se o turista mais indesejado dos últimos séculos. Em consonância ao exposto, a meta é abordar brevemente ao longo das laudas os impactos que o vírus em destaque fez emergir no âmbito social, econômico e político dos países reconhecidos como epicentro da doença, mas pormenorizando com ênfase o cenário brasileiro ante ao inimigo invisível jamais enfrentado, dessa forma apontando erros, acertos e medidas médicas de prevenção a serem adotadas pelo cidadão global. Ademais, pretende-se atingir também como resultado no estudo a seguir desenvolvido, a realização de uma associação desse caos com os três pilares das ciências sociais, quais sejam a antropologia, a ciência política e a sociologia, restando ainda lugar para versar sobre os profissionais protagonistas da guerra vigente declarada ao coronavírus, bem como destacar os desafios da saúde pública brasileira em meio ao período nebuloso que encobre os céus do mundo atualmente em tempos de pandemia. Para atingir tais fins, utilizou-se como norte além da crítica empírica, a base de dados científica SciELO, CAPES, RT online e LILACS.

Palavras-chave: Brasil, Ciências Sociais, Coronavírus, Pandemia, Saúde, Sociedade.

Pandemic time gap: an analytical intersection between the global spread of SARS-CoV-2 and the prisms of public health and social sciences in Brazil

Abstract

This article aims to discuss both empirical and scientific issues related to the proliferation of the SARS-CoV-2, ranging from its inception to the developments of recent months since the virus crossed Chinese territorial borders, becoming the most unwanted tourist in recent centuries. In line with the above, the goal is to briefly address along the pages the impacts that the virus has highlighted in the social, economic and political sphere of countries recognized as the epicenter of the disease, but detailing with emphasis the Brazilian scenario before the invisible enemy ever faced, thus pointing errors, successes and medical measures to be adopted by global citizens. Moreover, it is also intended to achieve as a result of the study to be developed below, the realization of an association of this chaos with the three pillars of social sciences, which are anthropology, political science and sociology, there is still space to talk about the professional protagonists of the current war declared to the coronavirus, as well as to highlight the challenges of Brazilian public health in the midst of the cloudy period that covers the skies of the world today in times of pandemic. To achieve these goals, the scientific database SciELO, CAPES, RT online and LILACS were used as a guide in addition to empirical criticism.

Keywords: Brazil, Coronavirus, Health, Pandemic, Society, Social Sciences.

Lapso temporal pandémico: una intersección analítica entre la propagación global del SARS-CoV-2 y los prismas de la salud pública y ciencias sociales en Brasil

Resumo

El presente artículo tiene como objetivo la discusión tanto empírica como científica sobre la proliferación del SARS-CoV-2 a partir de su interín hasta su multiplicación en los últimos meses cuando el virus sobrepaso las fronteras territoriales chinas haciéndose el turista más indeseado de los últimos siglos. En consonancia a lo expuesto, la meta es

abordar brevemente, a lo largo de las páginas, los impactos que el virus en cuestión hizo emerger en el ámbito social, económico y político de los países reconocidos como epicentro de la enfermedad, pero pormenorizando con énfasis el escenario brasileño ante el enemigo invisible jamás enfrentado, señalando errores, aciertos y medidas médicas de prevención a ser adoptadas por el ciudadano global. Además, se pretende alcanzar también como resultado en el estudio a continuación desarrollado, la realización de una asociación de ese caos con los tres pilares de las ciencias sociales: la antropología, la ciencia política y la sociología, restando aún lugar para versar sobre los profesionales protagonistas de la guerra vigente declarada al coronavirus, así como destacar los desafíos de la salud pública brasileña en medio al periodo nebuloso que encubre los cielos del mundo actualmente en tiempos de pandemia. Para alcanzar tales fines, se utilizó como norte además de la crítica empírica, la base de datos científica SciELO, CAPES, RT online y LILACS.

Palabras clave: Brasil, Ciencias Sociales, Coronavirus, Pandemia, Salud, Sociedad.

1 Introdução

Nos dias hodiernos em dimensão global a sociedade que outrora esbanjava saúde tanto em relação aos cidadãos quanto ao ambiente que ocupam já não configura-se constante em virtude de distintas alterações na dinâmica entre o binômio consciência e responsabilidade que, por óbvio, em sua grande parcela são concebidas pelas ações antrópicas.

Nesse sentido, perscrutando materializar faticamente tal premissa, nenhum lapso temporal constante na cronologia histórica moderna enquadra-se tão perfeitamente nesse cenário quanto o vigente contexto pandêmico designado pela sociedade como o “mal invisível”, um vírus potencialmente contagioso denominado de SARS-CoV-2, o qual culmina na doença chamada COVID-19, conseguiu concretizar alguns aspectos que nenhuma outra enfermidade de tamanha relevância alcançou, quais sejam, fazer emergir do seio social um sentimento geral de solidariedade para com o próximo, encurtar distâncias entre familiares conferindo-os o devido valor e ressaltando importância de tê-los por perto, reconhecer o esforço e imprescindibilidade dos incríveis profissionais das áreas da saúde e aqueles que atuam diretamente na linha de frente ao combate da doença travando uma batalha diária em prol do bem-estar da coletividade e, sobretudo, conseguir germinar nas pessoas o hábito cotidiano de apreciar a benção que é estar vivo.

À luz da situação apresentada, em sede de cognição inicial compreende-se necessária a cooperação entre as esferas constituintes da sociedade, seja política, econômica ou social com a responsabilidade que cada indivíduo assume como protagonista nesse filme da vida real que deixou a ficção de lado e emergiu à realidade. Nessa linha de inteligência, cabe ressaltar que além de todas essas questões pragmáticas, a saúde pública beira o caos, pois o alto índice de infectados simultaneamente pelo SARS-CoV-2, somado a alta permanência do cliente no hospital e a significativa insuficiência de infraestrutura hospitalar para atendimento concatenado com a diminuição de insumos básicos para a produção de artigos utilizados em procedimentos e para prote-

ção dos profissionais que labutam na linha de frente, tende a levar o setor da saúde a momentos conflitantes, onde demanda será maior que a rede de atendimento, exigindo no ápice do colapso que os profissionais de saúde criem diretrizes de escolha daqueles que irão viver e quais caminharão ao óbito.

Destarte, observando as infinidades de questionamentos e problemáticas que gravitam em torno do universo socio-pandêmico registra-se que a predileção pelo tema a ser destrinchado ao longo das laudas do presente escrito guarda relação direta com a necessidade de demonstrar analiticamente com fulcro na realidade não mais recôndita que vige e permeia a crise tanto na política quanto no sistema de saúde brasileiro.

Isto posto, norteado pelos objetivos anteriormente consignados, o estudo que a seguir prospera justifica-se sob da perspectiva do florescimento, nas mentes que vos escreve do insopitável desejo de aclarar detalhadamente ao leitor os pormenores constituintes desse complexo meandro de instabilidade, de produção desenfreada de informações e a implicação deste fenômeno quando não utilizado de maneira virtuosa, de desvalorização da vida alheia em prol do ímpeto egoísta individual que por infelicidade habita os corpos de muitos cidadãos e, ainda permear as afirmações com retoques essencialmente empíricos que amparam, e muito a aproximação do conteúdo textual em epígrafe com a realidade nupérrima pela qual o país está singrando neste mar de oscilações.

2 Metodologia

De acordo com Demo (2000) a “pesquisa é entendida tanto como processo de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante do processo reconstrutivo de conhecimento”.

Essa pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico do tipo qualitativo, exploratório, descritivo do tipo pesquisa bibliográfica, que objetiva descrever características de determinada população ou fenômeno, identificando a existência de relações entre variáveis e determinando sua natureza, aproximando-se assim da pesquisa explicativa, identificando os fatores que contribuem para a ocorrência destes fenômenos, aprofundando o conhecimento e buscando entender a razão e o porquê das coisas. No que tange a sua natureza exploratória, ele tem por finalidade básica a de desenvolver e esclarecer idéias para a compreensão de abordagens posteriores.

A coleta de dados, foi realizada uma busca na base de dados SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*), CAPES, RT online e LILACS (Literatura Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde) dos artigos publicados nos últimos cinco anos, possui como palavras chaves “Pandemia”, “SARS-CoV-2”, “Saúde”, “Sociedade”, “Ciências Sociais”.

Então, para o alcance dos objetivos o trabalho seguiu os seguintes passos: 1) levantamento bibliográfico das palavras já citadas; 2) análise e síntese do material, através das seguintes leituras: leitura exploratória, leitura seletiva, leitura crítica, leitura interpretativa. Os direitos autorais foram preservados, de acordo com a Lei de Direitos Autorais 9610/1998 (BRASIL, 1998). Respeitamos os autores e os referenciamos ao longo do trabalho, conforme preceitua a Associação de Normas Técnicas (ABNT).

3 Resultados e discussão

Preliminarmente, cumpre registrar que meses atrás ainda quando a COVID-19 era apenas um embrião no ventre nacional chinês desenvolvendo-se rapidamente em condições férteis e propícias sem quaisquer alarmes emergenciais das autoridades locais, embora a existência do vírus já fosse detectada, houve o *start* da maior pandemia já vista e, assim, os olhos cansados do mundo já saturados de observar tantas desordens de óptica global em virtude de fundamentos outros, passaram a acompanhar à distância e receosos os desdobramentos da nova doença que assolou o país asiático, torcendo para que mais do que nunca a muralha da China em sua semântica interpretativa mais visceral de fortaleza fizesse sentido e contivesse dentro de seus limites a temida propagação da contaminação que já tomava proporções avassaladoras.

A China, epicentro primeiro da atual pandemia que assola as quatro extremidades do globo terrestre, em virtude de seu modelo governamental rígido e ditatorial que, por óbvio, nunca constituiu-se como o suprassumo da liberdade e transparência faz com que em seus limites o controle daquilo que se fala, que se noticia ou, que se possa ou não fazer, seja aspecto principal de posse das autoridades visando segundo preconizam a “ordem” e a salvaguarda à tradição ainda que para atingir seus fins seja necessária a supressão de direitos fundamentais e princípios basilares vetores da conduta humana que são abraçados comumente pelos países nos quais vige a democracia.

Entretanto, é mister denotar que nem sempre um governo é reflexo dos anseios do seu corpo cidadão, uma vez que, mesmo em lugares onde as diretrizes legais são hermas e apontam para uma direção impositiva e inquestionável existem pessoas capazes de transpor as normas e agirem conforme a humanidade espera, com compaixão, solidariedade e empatia. No recente contexto pandêmico os elementos supracitados foram postos em prática bravamente pelos médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais e demais profissionais que atuam nos serviços hospitalares no prélio complexo estabelecido no combate a COVID-19 assumindo merecidamente a condição de super-heróis ao colocarem-se na linha de frente dessa árdua batalha, arriscando suas próprias vidas para tentar frear o ímpeto exponencial do tecnicamente inimigo desconhecido, impiedoso e letal que se apresentou afastando-se de suas famílias e amigos para exercer a profissão, bem como a proteção de seus lares e intentar sobretudo, administrar com racionalidade tamanha informação e responsabilidade.

Ao transcender as fronteiras territoriais, o vírus hospedado em indivíduos que de alguma maneira tiveram contato com alguma superfície contaminada ou alguém de certa forma associado à província de Hubei localizada em Wuhan-China onde o caos pandêmico em questão teve início, transformou-se num turista indesejado por cada cidade ao redor do mundo, evitado de forma severa pelos órgãos governamentais e que, gradualmente, infiltrou-se nas camadas sociais indistintamente sem discriminar poder aquisitivo, cor, gênero e, tampouco, nacionalidade. Dessa forma, em algumas semanas quase a metade dos países já havia apresentado casos suspeitos e óbitos decorrentes do avassalador SARS-CoV-2, principalmente no que corresponde às nações consideradas grandes polos de turismo como os Estados Unidos, Itália, Espanha e França desestruturando as economias, movimentando políticos a retornarem à sociedade condutas que justifiquem a confiança que lhes é creditada e causando, obviamente, pânico e temor por parte da população pelo nunca antes visto.

A progressão da contaminação exponencial acionou mundialmente um estado de emergência pautado na calamidade que não mais restringe-se à China, agora a luta

e a corrida contra o tempo fazem-se universais sendo tanto do profissional de saúde e das autoridades quanto das instituições em geral independente do seu viés mercantil e do cidadão. Isto posto, em meio a este oceano de incertezas cabe a cada indivíduo a compreensão da necessidade de pôr em prática a cidadania, a responsabilidade e a consciência de agir como tal despidendo-se de quaisquer pensamentos individuais e egoístas, muito pelo contrário, adotando a filantropia, o altruísmo, empatia e a benevolência.

Responsabilidade e consciência, por que tão difíceis de colocar em prática? Presume-se parafraseando o insigne Jean-Jacques Rousseau (1986) ao proferir sua ilustre frase de que o homem em essência nasce bom, mas a civilização é a grande executora de sua subversão, que se uma sociedade fosse construída com fulcro na boa-fé, na ética e em inúmeros outros princípios que traduzem um norte ideal para as ações humanas consequentemente seus cidadãos ou a maior parte deles agiriam em conformidade com esses axiomas.

Nesse sentido, trazendo essa lógica para os moldes civis no contexto pandêmico atual configura-se este momento como perfeitamente adequado para comprovar que esses fatores perceptivelmente tão verídicos podem ser colocados em moldes bem mais festejados tratando o homem como bom e a sociedade funcionando como sendo reflexo das boas atitudes dos seus operadores, praticando o bem e o necessário para que ser corrompido não signifique ser indiferente ao sofrimento alheio, ser imprudente e, sobretudo, desumano tanto com os que lutam contra essa doença quanto aos que batalham por suas próprias vidas agonizando nos leitos dos hospitais e demais centros de saúde, sejamos exemplo e, não pusilânimes.

Em circunstâncias sublimes de combate em uma pandemia, o protocolo natural a ser seguido em tese deve ser o de procurar entender e tentar aplicar ao máximo as diretrizes fornecidas por instituições, profissionais e organismos sérios de saúde como a OMS (Organização Mundial da Saúde), uma vez que são dotados de conhecimento, experiência e preparo suficiente para lidar com situações de cunho complexo como a que se apresenta. Todavia, nos últimos meses percebe-se através dos veículos transmissores de informação diariamente que constata-se exatamente o contrário por parte de muitas pessoas, fato este que contribui com o aumento da notificação de casos e consequentemente de óbitos.

Enquanto a grande massa científica global corre contra o tempo realizando inúmeros testes buscando encontrar uma vacina que freie, desacelere ou erradique a COVID-19, simples ações recomendadas pela Organização Mundial da Saúde são imprescindíveis para a tentativa de contenção da proliferação do vírus, dentre elas o uso de máscaras faciais de proteção, álcool em gel a 70% e o, importantíssimo, distanciamento social. Não obstante, nessa conjuntura existem variações necessariamente a serem observadas como a indisponibilidade desses produtos, bem como em muitos casos a irresponsabilidade e degradada consciência de líderes políticos incapazes de descerem de seus pedestais egocêntricos para tratar o assunto com a devida importância.

É sabido que quando a demanda de um produto aumenta por consequência o seu preço eleva-se também, mas esse parâmetro amplia-se quando esse processo ocorre em escala global. Destarte em decorrência do exposto, desde o início da pandemia da COVID-19 a produção de itens de proteção e limpeza tais quais sabão, álcool em gel, máscaras e outros produtos cresceram exponencialmente levando alguns lugares à falta de muitos desses artefatos em razão da alta demanda, gerando assim um certo alvoroço para os países que esperavam apreensivos o recebimento para distribuição

dos mesmos, ocasionando ainda em situações específicas espécies de leilões entre os compradores e fornecedores para definir quem conseguiria o lote dos artigos primeiro.

À vista disso, em decorrência do contexto complicado presente surge ainda em evidência a lembrança às cidades daqueles que as habitam, mas que assim como o vírus são invisíveis aos olhos da sociedade, os menos favorecidos economicamente, os que sequer possuem um teto para chamar de seu e vivem em plena situação de miserabilidade. Em um âmbito pandêmico no qual a norma máxima é o cumprimento preventivo, na maioria dos países, chamado de distanciamento social ou de isolamento integral denominado globalmente de *lockdown*, o direito à proteção não atinge a todos, visto que milhões dessas pessoas não possuem casa e nem condições econômicas para alimentar-se de forma saudável regularmente, tampouco para destinar seus já escassos recursos para administrar seu resguardo por tempo indeterminado, já que não há previsão de quando o caos deixará de existir e a sociedade voltará a antiga normalidade.

Uma vez notados, a camada social menos favorecida da sociedade, como de praxe, depende da solidariedade e cooperação dos demais cidadãos para sobreviverem ao menos com o mínimo existencial possível em meio ao calamitoso cenário apresentado tanto com relação aos sem teto quanto em relação aos que possuem um lar, mas, ainda assim atravessam dificuldades financeiras para manterem suas residências e famílias. No que tange ao contexto explicitado salienta-se a figura do cidadão em dois polos de ação contrastantes quais sejam aqueles que contribuem solidariamente com seus iguais e aqueles que independentemente de sua posição social ignoram as táticas preventivas fomentando a propagação do COVID-19, seja pela ausência de instrução educacional, pelo negativismo da realidade ou incitados por figuras políticas a ir contra o preconizado pelas autoridades máximas de saúde, tal como a OMS.

É impressionante e de extremo impacto o quão rico e necessário tem sido o suporte prestado pela fração consciente da população mundial ao seu próximo, de diversas formas, seja através do voluntariado, por meio de doações e até mesmo com o compartilhamento de mensagens de estímulo e confiança crendo na chegada de dias melhores. Noutro giro, na contramão do que se espera eticamente ainda identifica-se perceptivelmente uma parcela grande desses indivíduos que insistem em tratar o âmbito pandêmico como uma brincadeira ou algo em que não se possa depositar confiança mesmo com evidências concretas de letalidade sendo frequentemente veiculadas pelos organismos institucionais de saúde e exibida nos meios mais acessíveis de comunicação, exibindo ainda em suas faces e condutas a empáfia, o descaso e a indiferença à dor alheia.

É cômico que atitudes geralmente são dotados em sua maioria de influência para fundamentá-las, mas essas inspirações nem sempre são de caráter positivo, ou seja, norteadas por ações falhas de alguém e tidas, muitas vezes, como verdades indubitáveis em virtude da fonte que as veiculam, dessa forma esse fenômeno é ainda maximizado quando este alguém configura-se como uma figura socialmente influenciadora, formadora de opiniões, relevante e ocupante de cargo político expressivo.

Nos dias atuais alguns líderes políticos em desconformidade com as regras estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde à exemplo de países como o Brasil e Belarus esbanjaram leviandade e desrespeito quanto ao comportamento racional esperado de personagens tão importantes para seus governados, infringindo disposições recomendadas acerca do distanciamento social que frise-se corresponde à medida mais eficaz contra a proliferação do vírus.

Dentre as inacreditáveis atitudes praticadas, houve a liberação da ocorrência dentro da normalidade de eventos esportivos, realização de pronunciamentos em locais públicos favorecendo a alta concentração de pessoas e, por vezes, a exposição em veículos midiáticos de piadas descabidas concernentes a COVID-19, como proferiu por exemplo o presidente bielorrusso Alexander Lukashenko em uma entrevista ao jornal inglês *The Times* sugerindo “beber vodka, trabalhar no campo e visitar a sauna para combater o novo coronavírus” ou como enunciou o presidente brasileiro Jair Bolsonaro em uma coletiva de imprensa afirmando ser a COVID-19 apenas uma “gripezinha”, sendo que apesar de afastados quilometricamente pela geografia terrestre encontraram em reproduções infelizes orais e escritas um ponto reprovável de interseção, ambos fazendo transparecer uma possível minimização da letalidade do vírus que já ceifou milhares de vidas.

Resta sublinhar que o fato dos indivíduos mencionados ocuparem a posição que encontram-se e serem influenciadores natos em razão disso, não gravitam em torno dessa adequação quaisquer possibilidades de conferir-lhes o direito de agir com indiferença às constatações de periculosidade à saúde derivadas do SARS-CoV-2 e tampouco de tentar tornar a situação menos complexa do que comprovadamente ela é, pois ao contrário dos discursos que podem ser reformulados, as vidas perdidas não podem ser recuperadas.

4 Correlação entre Brasil e ciências sociais em meio ao caos pandêmico

O homem desde a sua origem independentemente do viés concepcionista adotado seja através de uma óptica religiosa ou científica sempre comportou-se como o elemento catalisador responsável por tudo aquilo que concerne aos aspectos de transformação social em seu sentido mais amplo, quais sejam a modificação do espaço ao qual habitam, o desenvolvimento de atividades que garantam sua subsistência, o aprimoramento de táticas de sobrevivência e o encargo de garantir a prosperidade da espécie.

No decurso da história, por força do trâmite processual natural característico do desenvolvimento e estruturação de qualquer sociedade foram adotados instrumentos essenciais de fundamentação analítica que pudessem ser os vetores norteadores de cada elemento constituinte desse transcurso, isto posto registra-se que alguns desses mecanismos são regidos pelo que hoje denominam-se ciências sociais cujas áreas principais correspondem ao trinômio antropologia, sociologia e ciência política.

Destarte, sob a égide dos ramos de estudo citados associados ao momento vigente de calamidade pandêmica em virtude do COVID-19 e ao componente procedimental brasileiro ante ao contexto de colapso no sistema de saúde nacional estabelecer-se-á um apontamento empírico concatenado ao que é veiculado, percebido e sobretudo criticamente experienciado pelo cidadão canarinho diante das dificuldades de enfrentamento do vírus.

Como introito ao antepositivo excerto textual, compreendendo o Brasil como uma faixa territorial extremamente peculiar e de difícil capacidade comparativa com outros países em razão de seus aspectos únicos de geografia relacionados à sua extensão continental, sua composição demográfica oriunda de uma miscigenação racial, da variedade de singularidades que compõe cada diferente região e até mesmo da pluralidade político-ideológica detectada ao longo das camadas sociais, registra-se a realização de um juízo de valor sobre o comportamento dessa nação em tempos de pandemia como *sui generis* e, por vezes condenável.

É c3ognito que o pa3s em 4nfase 4 luz do *status* que ocupa em condi33o de pa3s emergente, ou seja, aquele que guarda em tese diretamente a not3ria possibilidade de galgar 4xitos consider4veis no que diz respeito ao crit3rio econ3mico em escala comparativamente global 4 um dos enfoques de observa33o em tempos de enfrentamento ao COVID-19. Contudo, estar sob a 3ptica anal3tica de grande parte do mundo n3o s3o revela os bons, adequados e exemplares posicionamentos de 4mbito pol3tico independente da esfera governamental ou da pr3pria popula33o como objeto principal na tentativa de controle ao v3rus, mas real3a sobretudo as imperfei33es e infra33es reproch4veis ocorridas em solo brasileiro quanto a esse processo.

Por conseguinte, o primeiro ponto a ser correlacionado com a linha de racioc3nio denotada 4 a antropologia no que liga-se diretamente ao seu *lato sensu* que corresponde 4 ci4ncia que possui como objetivo o estudo do ser humano em todas as suas perspectivas, mas neste labor tratando o homem em seu aspecto de responsabilidade para com a contribui33o como agente social no contexto de embate com o v3rus em ep3grafe. Nesse diapas3o, profere o consp3cuo antrop3logo franc4s Fran3ois *Laplantine* em uma de suas obras a seguinte afirma33o

S3o pode ser considerada como antropol3gica uma abordagem integrativa que objetive levar em considera33o as m3ltiplas dimens3es do ser humano em sociedade. Certamente, o ac3mulo dos dados colhidos a partir de observa33es diretas, bem como o aperfei3oamento das t3cnicas de investiga33o, conduzem necessariamente uma especializa33o do saber. Por4m, uma das voca33es maiores de nossa abordagem consiste em n3o parcelar o homem, mas, ao contr3rio, em tentar relacionar campos de investiga33o frequentemente separados (LAPLANTINE, 2000, p. 16).

Observando o prisma silog3stico versado pelo autor da cita33o em destaque visando compreender a antropologia como um estudo do ser humano integralmente sem fragmentar aspectos singulares do mesmo para tentar definir suas diretrizes comportamentais em sociedade, faz-se poss3vel estabelecer de imediato uma paralela conex3o entre o contexto acentuado e o Brasil quanto ao *modus operandi* dos seus cidad3os no presente quadro de crise pand4mica.

Por esse 4ngulo de racioc3nio frisa-se, que no pa3s as pessoas independentemente da posi33o social a qual ocupam constituem em diferentes cen3rios de a33o peas chaves que complementam-se e perfazem este grande quebra-cabe3a que 4 o Brasil quando atuam em conson4ncia com os bons valores e princ3pios de humanidade em prol de um 3nico objetivo, superar um inimigo comum 4 sa3de de todos sem exce33o, o COVID-19. Dessa forma, dentre as in3meras configura33es e exemplifica33es que podem ser explicitadas para tratar do exposto nenhuma 4 mais adequada que versar sobre aqueles que est3o fazendo da criticidade do momento uma oportunidade de transforma33o sadia pessoal e coletiva.

Em princ3pio, o merecido realce tem como abordagem os profissionais que trabalham na linha de frente do combate ao SARS-CoV-2 em cada hospital e demais centros de sa3de espalhados ao longo dos estados da Federa33o. Ser m3dico, enfermeiro, psic3logo, dentre outros profissionais dessa 4rea num pa3s onde n3o se confere o devido valor 4 aqueles que zelam pelo bem-estar do outro no que tange ao 4 integridade e vitalidade corp3rea n3o configura-se como tarefa simples, uma vez que, alguns desses segmentos trabalhistas carecem de remunera33o digna, em muitos casos sofrem

com as péssimas condições de exercício profissional como deficitárias estruturas de labor principalmente se o profissional prestar exercício para a rede pública de saúde e, há ainda que se falar em muitos casos em situações de ausência de assistência especialmente psicológica que em situações como a hodierna faz-se imprescindível quando percebe-se que esse *staff* específico é constituído maiormente por seres humanos como quaisquer outros.

Lidar com infectados e estar diariamente de frente com a morte não é fácil, mas é consequência das ocupações que essas pessoas escolheram em desempenhar perante a sociedade. Ser profissional de saúde antropologicamente analisando em suas dimensões laborais é vulnerabilizar a própria vida pela do próximo, é ter equilíbrio para suportar a cura e a perda, é auxiliar o paciente e conduzi-lo ao melhor caminho de solução ou eufemização das enfermidades, é num momento de crise ser a fonte de esperança e fortaleza dos que necessitam deles.

Lado a lado com a saúde encontra-se a segurança, esta última talqualmente frágil ao contrário do que traduz o significado da palavra, visto que na condição de serviço essencial, em tempos de uma pandemia que paralisa o país a continuidade da prestação do serviço permanece contínua, por óbvio, em razão do auxílio e proteção social necessários ao funcionamento das outras estruturas da sociedade. Os profissionais dessa área quais sejam, policiais, bombeiros, guardas municipais entre outros, embora componham o exercício de um trabalho imprescindível, infelizmente em solo brasileiro não recebem o reconhecimento e valorização empregatício em dias comuns, quem dirás em época da crise vigente que deles muito exige.

São homens e mulheres que saem de suas casas para proteger a integridade do cidadão e do patrimônio cidadão por amor à profissão ou mesmo por necessidade, fato é que independente da motivação um trabalho essencial a todos, mormente relacionado com riscos, no mínimo merece respeito e justo reconhecimento. Nesse sentido, na luta contra o vírus há de se relatar mais um outro ponto crucial, o esforço dos profissionais que cuidam do que refere-se à limpeza, seja dentro dos centros médicos esterilizando o máximo possível de instrumentos e do ambiente, nos transportes públicos que concentram grande fluxo de passageiros diariamente ou aqueles que dedicam-se à limpeza das ruas e avenidas, papéis estes que se não bastasse conviver com a inferiorização atribuída por parte de muitos outorga aos trabalhadores a necessidade de reafirmar dia a dia a dignidade do labor.

Por óbvio, cada cargo trabalhista inclusive os não mencionados anteriormente dispõem de suas respectivas importâncias no contexto que aflige o Brasil desde o profissional dos serviços de *delivery* ao veterinário que zela pela proteção aos animais. Nessa perspectiva o momento torna-se propício para analisar ainda mais profundamente o nexos entre o cidadão e o cenário pandêmico em pormenores outros sob a égide do segundo ponto a ser aludido em seguida, a Sociologia, esta que por seu turno, conforme proferem as autoras Eva Lakatos e Marina Marconi corresponde ao:

Estudo da estrutura e funcionamento da sociedade humana. Estuda os fenômenos coletivos produzidos pela atividade social das pessoas no seu contexto histórico-cultural. Exemplos: formação e desintegração de grupos; divisão das sociedades em camadas; mobilidade de indivíduos e grupos nas camadas sociais; processo de competição e cooperação (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 7).

Levando em consideração tal conceituação e adequando-a às circunstâncias estabelecidas no Brasil em pandemia hodierna, faz-se possível discutir acerca do elemento sociológico sob o prisma solidário instalado em terras canarinhas. Compreendendo a imprescindibilidade de num momento de colapso no que tange à integridade da saúde populacional estimular o que de melhor há em cada indivíduo objetivando eufemizar ao máximo os efeitos do SARS-CoV-2 na vida de cada um, traçar-se-á um breve paralelo entre a empatia coletiva e seus impactos no seio social.

Pensar além do próprio nariz nem sempre é uma tarefa fácil nos dias de hoje em que o individualismo se sobrepõe ao desejo de compartilhar com o próximo um pouco do que se possui. Contudo, contrariando esta afirmação parte dos brasileiros desde o início do surto da COVID-19 têm surpreendido positivamente durante a tentativa de freio ao ímpeto do vírus contribuindo como podem para ajudar outras pessoas em situações menos favoráveis a atravessar essa avalanche problemática pela qual todos estão passando de diversas maneiras, realizando doações de alimentos, roupas, máscaras, álcool em gel e outros produtos de limpeza, mas sobretudo ofertando tempo, empenho e atenção à quem necessita. Nesse sentido, detecta-se o que o preclaro sociólogo francês Émile Durkheim (2010, p. 50) denominou de consciência coletiva definindo-a como sendo o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria [...]”, isto é a percepção que norteia o que há de certo ou não na dinâmica sistemática social ditando valores e designando balizas aos atos cidadãos.

É sabido que muitas das ações sociais atuais tem o ritmo ditado pela influência advinda da observação do exercício de outras práticas por alguém, felizmente o que se tem veiculado na mídia é basicamente que “a nova moda é ser solidário”, ou seja, inspiração para extrair do indivíduo o melhor de si e compartilhar com quem precisa não está em falta, não com a obrigatoriedade de doar muito, mas sim aquilo que for possível no momento, essa lógica inclusive, descreve bem a famigerada frase da ilustríssima *Agnes Gonxha Bojaxhiu popularmente conhecida como Madre Teresa de Calcutá* (2015, p.237) que em algum momento de sua brilhante vida proferiu o estupendo ensinamento de que “o que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor”. É uma alocução breve, mas que dispensa maiores esclarecimentos, sejamos motivados pelos bons exemplos e perpetuemos o que de correto nos for lecionado, transformando individual e coletivamente vidas que enfrentam um risco latente e socialmente universal.

Por fim, mas nada menos importante dá-se enfoque ao terceiro segmento do trinômio principal das ciências sociais, a ciência política, que conforme positiva o autor Darcy de Azambuja:

[...] tem por objeto o estudo do fato político supremo, que é o Estado, e de todos os outros fatos políticos. Para isso e por isso ela recorre às contribuições de várias ciências: a Sociologia, a História, a Psicologia Social, a Geografia Humana, a Estatística, a Economia Política etc. E, sobre todas, deve ser informada pela Filosofia, para, nas doutrinas diversas, “eliminar os erros e conciliar as verdades”. [...] O método da Teoria geral do Estado tem de ser complexo. Ao lado dos processos lógicos empregados pela ciência jurídica, terá de usar também os peculiares à Sociologia: a observação, a indução e a generalização. Organismos a um tempo sociais, jurídicos e políticos, os Estados apresentam uma imensa complexidade, que necessariamente se há de refletir na ciência que deles trata. Daí também as cautelas e virtudes

indispensáveis para um estudo objetivo e proveitoso. Todos os preconceitos intelectuais e sentimentais devem ser postos de lado. A imparcialidade, o bom-senso, o sincero desejo de verdade, são os únicos guias no estudo das sociedades políticas (AZAMBUJA, 2001, p. 16).

Captando o teor interpretativo da definição anterior, dentro do amplo campo de estudo abrangido pela ciência política perscrutando relacionar com a circunstância pandêmica associada com a COVID-19 no Brasil atual tratar-se-á da temática sob a égide da responsabilidade do exercício político como instrumento de modelo social. À vista disso, o crítico e indispensável ponto a ser versado corresponde como já expectável, ao descompasso entre governantes e governados que fomenta a crise política já identificada em tempos de pré-pandemia.

É cónito que o Brasil, idoneidade e transparência quando sob a óptica da seara política jamais estiveram próximos de associarem-se etimologicamente como sinônimos. Em verdade, a famosa terra de gente feliz e do povo que nunca desiste, há décadas caminha na contramão do que num futuro distante um ambiente utópico e cada vez menos imaginável concretamente arraigado na sintonia político-social pode apresentar. Em circunstâncias sublimes, a cada ciclo eleitoral os brasileiros vão às urnas escolher democraticamente representantes políticos que em tese deveriam salvaguardar os direitos daqueles que depositaram sua confiança nas promessas e planos manifestados. Entretanto, o que percebe-se é exatamente o contrário maximizado pelo momento de crise, uma vez que, os interesses de muitos deles são postos acima do interesse público divergindo do que espera-se de um Estado democrático de direito.

Nem em sonho a ideia de que no presente Brasil que outrora já representou a perspectiva de futuro dessa nação para muitos, a dificuldade encontrada pelo cidadão seria ligar o rádio ou a televisão, ler um jornal ou qualquer outro veículo informativo e encontrar mais notícias sobre um bom andamento das estruturas que compõem a organização da sociedade do que a insatisfação, frise-se justificável, da população vinculada ao descaso das esferas políticas de poder para com os seus socialmente dirigidos. Nesse sentido, as pessoas tem tido o desprazer de lidar com discursos irresponsáveis, desrespeito às recomendações estabelecidas pelas autoridades epidemiológicas, lentição para estabelecer táticas de contenção à proliferação da COVID-19 e ainda observar líderes políticos conferindo margem para a perigosa disseminação das *fake news* sem atentar para a ideia de que “ocupar-se cientificamente de política significa não se abandonar a opiniões e crenças do vulgo, não formular juízos com base em dados imprecisos, mas apoiar-se nas provas dos fatos” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998).

Isto posto, em síntese ao que a ciência política tem de relação com o vírus em questão pode-se destacar uma postagem realizada em uma rede social pelo atual presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia que dispõe que “No Brasil, infelizmente, lutamos contra o SARS-CoV-2 e o vírus do extremismo, cujo pior efeito é ignorar a ciência e negar a realidade. O caminho será mais duro, mas a democracia e os brasileiros que querem paz vencerão”. Nesse sentido, o que espera-se figuradamente tanto do corpo social quanto do Estado que o serve que inspiram um ar democrático, é que os mesmos expirem consciência, razão e reflexões sensivelmente mais dotadas de humanidade conferindo ao futuro uma esperança de haver boas transformações do que hoje não é digno de ser festejado.

5 O desafio da saúde pública diante a pandemia em território brasileiro

Cabe, inicialmente, explicitar que são vários os fatores que levam o país a estar passando por tamanha dificuldade no setor da saúde pública e, logicamente, tem-se que evidenciar que esse caos se deve a negligência de alguns governos no tocante as áreas da educação, saúde e pesquisa científica. A ausência de responsabilidade com o dinheiro público destinado a essas áreas perpassa por uma questão de ausência ética-moral enquanto servidor público, que ao invés de zelar pelo patrimônio do povo usurpa para si ou outrem o dinheiro público destinado para a conservação, manutenção e investimentos aplicáveis a essas áreas. Por conseguinte, visualiza-se a escassez de recursos públicos destinados para qualificar professores de toda rede educacional, além de não propiciar ao alunado da rede pública um ensino de qualidade onde ele possa competir futuramente no mercado de trabalho e vir a se tornar profissionais competentes. Outro ponto sensível é a ausência de investimentos em pesquisas de cunho científico e, principalmente, nota-se a saúde pública degradada em muitos municípios que nem sequer possuem uma rede de assistência básica funcionando, consoante situação se visualiza na esfera estadual e federal que notadamente os hospitais estão em grande maioria sucateada na sua estrutura precisando de reformas, carecendo de novos equipamentos para realização de procedimentos, como também adequar-se à tecnologia da informação, implantando o prontuário eletrônico, facilitando a comunicação intersertorial transdisciplinar.

No tocante a saúde pública observa-se que as unidades básicas de saúde enfrentam diversos problemas como a pouca disponibilidade de recursos financeiros, humanos e materiais, ou seja, a falta de investimento na rede para manter seu devido funcionamento e ampliar conforme a necessidade de cada município, a ausência de profissionais capacitados e qualificados para atuar em áreas intensivas e remotas de difícil acesso, além da ausência de materiais para procedimentos, produtos farmacêuticos e E.P.I.'s para proteção individual do trabalhador. Na esfera estadual os problemas não são diferentes, abarcam todos os da municipal e nessa conjuntura faz-se imprescindível olhar de forma tênue que esses problemas iniciam devido à falta de uma educação igualitária, pois a ausência de profissionais capacitados e qualificados advém da falta de oportunidade e acesso ao estudo de boa qualidade. Mudar essa realidade é algo que leva muito tempo, constitui um processo em longo prazo, mas que se precisa, desde já, começar a investir maciçamente na educação, a fim de sanar esse problema instaurado na saúde pública e também nas demais áreas.

A COVID-19 evidencia o quão importante se faz quebrar paradigmas e mudar as atitudes humanas, buscando evoluir nos cuidados pessoais ou globais, visando em primeiro lugar propiciar a manutenção da vida. Efetivamente, carece um olhar mais humano, principalmente em relação aos governantes que devem investir exaustivamente nessas áreas, remunerando bem os trabalhadores, capacitando-os e qualificando-os com cursos e treinamentos constantes, investindo na ampliação da rede de saúde e melhorando as estruturas das unidades hospitalares já existentes. Em plena crise pandêmica o que se ver é o descompasso entre o número de habitantes por cidade e de hospitais e/ou leitos para atendimento, além da ausência de preparo dos profissionais de saúde que vem ganhando destaque pela alta incidência de contaminados pela COVID-19, muitas vezes, por falta ou insuficiência de conhecimento técnico científico, em outros casos por exaustão física e psíquica que enfrentam com cargas horárias de

trabalho excessivas, acabando por caírem em descuido e contaminando-se, além de transmitindo tal contágio aos seus pacientes durante o atendimento, já que o SARS-CoV-2 possui um poder de virulência bastante elevado, ficando o vírus suspenso no ar por alguns minutos. Tudo isso vem aliado à corrida insana por insumos para produzir equipamentos de proteção individual, além de fármacos, equipamentos eletrônicos, dentre outros.

Nada obstante, passou-se a ter uma verdadeira guerra leiloada por esses insumos e equipamentos, onde aquele que pagar mais leva o produto, mesmo que o contrato firmado entre a fornecedora e o cliente esteja acordado a aplicação de multa por descumprimento em qualquer cláusula. Uma guerra, não bélica, mas colocando a prova toda a humanidade no que tange os princípios que deveriam ser norteadores como o caráter, o respeito, a solidariedade e a ética, pois enquanto alguns buscam nesse momento crítico se tornarem pessoas mais humanas, exercendo o que pode-se chamar de humanização através de ações solidárias, outros colocam externam a oportunidade de lucrar acima de tudo e de todos, onde o egocentrismo exala do corpo.

Nesse diapasão explicita-se que muitos culpam o Sistema Único de Saúde (SUS) pelas falhas apresentadas no que concerne à saúde, contudo cabe ressaltar que esse sistema possui uma rede de sustentabilidade institucional que mesmo em situações difíceis consegue se manter, pelos trabalhadores que fazem o SUS dar certo, seguindo o preceituado na Lei nº 8.142/1990 a qual salvaguarda diretrizes básicas que fazem o sistema funcionar, além de ser visto pelo mundo como um sistema modelo. Graças ao SUS uma parte dos brasileiros vão poder contar com a assistência médico-hospitalar gratuita para o enfrentamento da COVID-19. Como já amplamente divulgado, o distanciamento social preconizado pelos estados brasileiros visa diminuir o número de pessoas que venham a buscar atendimento hospitalar de forma simultânea, devido ao limitado e baixo números de leitos intensivos, já que é uma doença que afeta órgãos imprescindíveis para a manutenção da vida, levando a muitos pacientes a precisarem da ventilação mecânica invasiva, a qual só pode ser disponibilizada em Unidades de Terapia Intensiva com profissionais altamente capacitados para os devidos cuidados.

Sucedee, porém, explicitar que os pacientes acometidos pela COVID-19, levam longos períodos de internamento nessas unidades, ou seja, não há o que se chama de “giro de leito”, trata-se de um leito parado por muito tempo com o mesmo paciente, isso não é interessante neste momento, pois dificulta o acesso a novos pacientes que precisam de tratamento nessas unidades, assim acontece o chamado “colapso da saúde”, onde o número da demanda por internação em unidades especiais para tratamento é muito maior do que a disponibilidade de vagas. Com efeito, fala-se em achatamento da curva de novos casos, exatamente para que haja menos pacientes infectados e que dê tempo suficiente para que os novos ao buscarem atendimento hospitalar tenham vagas para atendimento, não havendo uma explosão de casos simultâneos levando os pacientes a se submeterem a condições desumanas em corredores dos hospitais, além de cursarem ao óbito por falta de assistência médico-hospitalar.

Infelizmente, a ignorância que assola a população brasileira pela ausência de instrução educacional, leva a muitos o desconhecimento da importância de se fazer e manter o distanciamento social. Essa ignorância é também oriunda daqueles que possuem instrução, os quais agem por meio do negativismo da realidade, outros acreditam que possuem imunidade fortalecida e jamais serão acometidos por uma enfermidade desse tipo, há ainda aqueles que acreditam em tudo que lhes são apresentados sem

verificar a veracidade dos fatos acreditando nas famosas *fake news* ou aqueles que no mais profundo anseio da ignorância acreditam que a economia do país não deve parar estando acima da saúde pública, neste último podemos salientar a postura desumana do atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro.

Em síntese, pode-se afirmar que a saúde pública é negligenciada e má gerida por alguns governantes, o que não deveria ocorrer em observância que no art. 2º da Lei nº 8.080/90 a qual preceitua que “a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pelo exercício”, vale lembrar que o dever do Estado não exclui o da sociedade. Em observância, vale ressaltar, que a vida não tem preço, não pode ser quantificada, sobretudo, indubitavelmente, possui o seu valor.

Quanto a atual conjuntura política do governo Brasileiro, presidida pelo Jair Bolsonaro, vislumbra-se que seu dínamo neste momento não é o de salvar vidas, poupá-las, mas o oposto, seguindo a teoria da evolução proposta por Charles Darwin, onde os organismo mais aptos irão sobreviver, numa espécie de seleção natural. Sucede, porém que a maioria dos brasileiros são idosos com problemas de saúde, outros já carregam consigo doenças congênitas e/ou crônicas, além dos casos da má nutrição que é elevado no Brasil devido as discrepantes condições sociais que assolam o Brasil com prevalência a classe da pobreza, muitos na margem da miserabilidade, impossível manter um sistema imunológico forte diante dessas condições, as quais são favoráveis ao acometimento de doenças até a evolução do óbito.

De forma salutar, precisa-se intervir diante o caos instaurado antes que seja irremediável salvar vidas, devido às altas taxas de ocupações de leitos hospitalares, sejam na esfera pública ou privada, a única saída para conter essa situação é o *lockdown*. O quanto antes, melhor. O *lockdown* visa o reestabelecimento da saúde daqueles que já estão acometidos pela COVID-19, zerando as taxas de novos casos por contágio, torna-se a melhor opção para controle efetivo. Doravante, cabe ao governo brasileiro a deixar de politicagem e trabalhar no combate a disseminação do SARS-CoV-2, cabe adotar medidas unificadas a todos os estados, assim como tem feito os estados que fazem parte do Consórcio Nordeste, unificando também a fala para que o brasileiro entenda de forma clara e objetiva o que precisa fazer enquanto cidadão nesse momento tão tenebroso e crítico, nunca antes vivenciado no planeta Terra.

Infelizmente, cumpre advertir, que o Brasil já está batendo recorde no número de óbitos por dia, já se alcançou a margem de 800 mortes por dia. Muitas cidades já se encontram com hospitais em superlotação, clientes sentados em cadeiras nos corredores como se fossem leitos para receber assistência hospitalar, seus pertences em bolsas pelo chão, pois não há lugar apropriado para armazenamento facilitando a contaminação por outras bactérias e vírus, necrotérios hospitalares cheios com corpos embalados em lona amontoados esperando que a família contrate a funerária para recolher e dar sua devida destinação final, câmeras frias sendo instaladas em hospitais de campanha para armazenamento de corpos. Atingidos pela insuficiência hospitalar nesse momento, algumas prefeituras e governos dos Estados vem buscando requisitar espaços, transformando-os em hospitais temporários a fim de conseguir passar por essa turbulência da melhor forma possível, outros sabemos que não tem recursos para essas ações e passaram por dificuldades. Neste momento, o brasileiro tem conhecido quem são aqueles que elegeram para governantes, se são bons gestores e merecem a confiança de novo voto ou caso contrário, sua única manifestação continuará a ser bater panelas nas varandas e janelas dos apartamentos, conformando-se e sendo refém de suas próprias escolhas.

6 Conclusão

Nesse diapasão, é inquestionável que neste momento o Brasil precisa de líderes governamentais que detenham sabedoria, conhecimento e experiência para atuar no enfrentamento da COVID-19, em todas as áreas sabendo-as equilibrar de forma equânime e, sobretudo, vislumbrando cuidar, manter e salvar o maior número de vidas possíveis. Devendo atentar-se que cada estado brasileiro possui suas peculiaridades e deficiências devendo ser visualizados e tratados de forma diferenciada, a fim de suprir essas necessidades. Uma linguagem única e universal a fim de orientar os cidadãos como devem proceder durante o período pandêmico, sempre pautada no conhecimento médico-científico, seguindo as diretrizes da OMS e combatendo incansavelmente a disseminação de *Fake News*. Alinhar-se aos governadores dos estados brasileiros, a fim de discutirem planos de ação e contingência no combate da COVID-19.

O caos que no país se instala e progride exponencialmente, embora não seja fruto dos dissabores políticos-econômicos-sociais oriundos de séculos de inobservâncias à preceitos e direitos fundamentais que irrigam a história do Brasil, por óbvio, é fomentado pelo acúmulo desses aspectos ensejando assim, o descontrole do hodierno cenário. Portanto, fitar a cronologia da problemática vigente associando com a raiz do contexto configura-se como imprescindível e necessário. O Brasil, ou melhor, o presidente teve tempo suficiente para preparar o território brasileiro contra a COVID-19, desde que o vírus alcançou o continente americano, pois já era uma certeza de que a doença já havia tomado proporções pandêmicas, contudo negligenciou a situação e carimbou o passaporte de muitos brasileiros aos cemitérios do país, chegando a registrar 1.000 óbitos por dia, número que tende ser cada vez mais crescente. Um país mergulhado no caos tanto da saúde pública quanto na privada, sem precedentes históricos, uma crise que deixará um sabor amargo e lembranças trágicas a muitos brasileiros.

Doravante, elucidado o argumento anterior, ressalta-se a imprescindibilidade de se fazer e cumprir à risca o distanciamento social, de imediato, nas regiões e/ou localidades afetadas para evitar a transmissibilidade viral de forma comunitária, bem como tratar os casos de doença já existentes e observar se surgem novos casos, tratando-os também. Outro ponto de suma importância é testar a população por meio de exames que detectem a presença do SARS-CoV-2 no organismo humano, testagem em massa, pois sabe-se que os casos assintomáticos são aqueles que mais disseminam o vírus, facilitando a propagação da COVID-19. Em face desta realidade preconiza-se o uso de máscaras faciais, já que a prevenção é o melhor meio de combate a qualquer doença.

Não obstante, precisa-se “falar a língua do povo”, ou seja, orientar de forma que alcance a todos, em seus diferentes níveis sociais, explicar de forma clara que o uso da máscara facial é imprescindível para diminuir o contágio, jamais levar as mãos aos olhos, boca e nariz enquanto estiver na rua e com as mãos sujas, sempre que possível lavar as mãos e, somente quando não houver a possibilidade desta, deve-se usar o álcool em gel a 70%. Sucede, porém que muitos estão usando o álcool em gel a 70% em demasia como se este substituísse a lavagem das mãos com água e sabão, no entanto cabe explicitar que não substitui.

Conscientizar e educar a população a se adequar à nova realidade mundial, tarefa árdua, todavia necessária diante a situação hodierna. Unir em prol de um bem maior denominado a vida, seja ela de um ente querido, de um amigo ou até mesmo de um desconhecido, ser e fazer a diferença, criar novos valores, modificar valores

antiéticos e imorais, os quais estão imergidos na sociedade brasileira. Em virtude do que foi mencionado, buscar sempre agir, principalmente, em prol da coletividade, salvaguardando vidas, oportunizando a todos terem acesso aos serviços de saúde para tratamento seja da COVID-19 ou quaisquer outras doenças. O SUS é um patrimônio do povo brasileiro que deve ser amplamente defendido por todos, haja vista que graças a ele muitas vidas são e serão salvas.

Referências

AZAMBUJA, Darcy. **Teoria Geral do Estado**. São Paulo: Globo, 2001.

BASTOS, Leonardo Soares et al. COVID-19 e hospitalizações por SRAG no Brasil: uma comparação até a 12ª semana epidemiológica de 2020. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00070120, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311x00070120>>.

BBC NEWS MUNDO, Redação. **'Gripezinha ou resfriadinho' e outras 7 frases controversas de líderes mundiais sobre o coronavírus**. Brasil: BBC, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52205918>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BENNETTS, Marc. **Tractors and vodka will cure Belarus of the coronavirus, says leader**. UK: The Times, 29 de mar. 2020. Disponível em: <<https://www.thetimes.co.uk/article/tractors-and-vodka-will-cure-belarus-of-the-coronavirus-says-leader-t6b9xvc55>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política I**. Brasília: UnB, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18.ed. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 set. 1990a. Seção 1.

BRASIL. **Lei 8.142, de 28 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 dez. 1990b. Seção 1.

BRASIL. **Plano de Contingência da Fiocruz diante da pandemia da doença pelo SARS-CoV-2 (COVID-19)**. Ministério da Saúde: Brasília, 2020.

BRASIL. **Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus (COVID-19) na atenção primária à saúde**. Ministério da Saúde: Brasília, 2020.

CARVALHO, AI. Determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde. *In*: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 - prospecção estratégica do

sistema de saúde brasileiro: população e perfil sanitário [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, v. 2. p. 19-38, 2013.

CORREA FILHO, Heleno Rodrigues; SEGALL-CORREA, Ana Maria. Lockdown ou vigilância participativa em saúde? Lições da Covid-19. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 124, p. 5-10, Mar. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104202012400>>.

CONSÓRCIO NORDESTE. **Ofício CIDSNE/PR n. 06/2020**. Salvador, 18 de março de 2020.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2010.

JESUS, Jaqueline Goes de et al. Importation and early local transmission of COVID-19 in Brazil, 2020. **Rev. Inst. Med. trop. S. Paulo**, São Paulo, v. 62, e30, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1678-9946202062030>>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia geral**. 8. ed. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LANA, Raquel Martins et al. Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, e00019620, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311x00019620>>.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 12 reimp da 1 ed, (1988), São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAIA, Rodrigo. **[Coronavírus]**. Twitter, 3 mai. 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/RodrigoMaia/status/1257027691649343491>>. Acesso em: 4 mai. 2020.

MAGNAGO, Carinne; PIERANTONI, Celia Regina. **Dificuldades e estratégias de enfrentamento referentes à gestão do trabalho na Estratégia Saúde da Família, na perspectiva dos gestores locais: a experiência dos municípios do Rio de Janeiro (RJ) e Duque de Caxias (RJ)**. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 104, p. 9-17, mar. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-110420151040194>>.

MOOCK, Marcelo; MELLO, Patrícia Machado Veiga de Carvalho. Pandemia COVID-19. **Rev. bras. ter. intensiva**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1, Mar. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/0103-507x.20200001>>.

MEDEIROS, Eduardo Alexandrino Servolo. A luta dos profissionais de saúde no enfrentamento da COVID-19. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 33, e-EDT20200003, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020edt0003>>.

NOBRE, Akim Felipe Santos et al. Primeira detecção de coronavírus humano associado à infecção respiratória aguda na Região Norte do Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 5, n. 2, p. 37-41, jun. 2014. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232014000200005&lng=pt&nrm=iso>.

ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Editora Universidade de Brasília – Hucitec. Brasília, 1986.

SANCHEZ, Alexandra et al . COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 36, n. 5, e00083520, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00083520>>.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 31, n. 5, p. 538-542, Oct. 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>>.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 36, n. 5, e00068820, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311x00068820>>.